NUNO SIMÕES

Gente risonha

Palavras sobre "a caricatura e alguns caricaturistas do nosso tempo„ no primeiro serão d'arte do Salão dos Humoristas do Porto.

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17
1915

Gente risonha

NUNO SIMÕES

Gente risonha

Palavras sobre "a caricatura e alguns caricaturistas do nosso tempo„ no primeiro serão d'arte do Salão dos Humoristas do Porto.

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17
1915

DO AUCTOR:

No prélo:

Aguas Mortas
(Imagens da vida que passa)

A publicar:

A Cidade das Sombras
(Memorias de Coimbra)

A saudade do desejo
(Contos)

A

DIOGO DE MACEDO

o grande esculptor, meu amigo.

Minhas senhoras

Meus senhores

Carlos Parreira, um artista, que vosselencias mal conhecem, mas cuja prosa é dum maravilhoso lavor de outomnerias, conta não sei onde, este episodio do velho Egipto, das mumias e dos tumulos.

Mandára o senhor castigar o camponez que não pagou os dizimos; a vergasta de palmeira escrevêra hieroglifos de sangue na pelle do escravo. E o bronze de revolta, sob o açoite retesou-se; na sua face erecta passou um estremeção de dôr que, reprimido um momento, foi sorriso e logo se transfez em pantomina.

Devia ter nascido, assim, o humor.

Mais tarde, esculptando mascaras e mascaras, mudando a dôr em esgar ou da expressão mais séria truncando a sombra comica, o humor criou Poncio Pilatos, Voltaire e Don Quixote e o Romantismo attribuiu-lhe as culpas de, nas tragedias anonimas, rasgar as calças, ao heroe, no quinto acto.

Depois, o humor ter-se-hia modificado, e parece que entre nós, de favor em favor, não tardou que ao humor

dessem com um logar na Academia — onde sinceramente a historia ia rinchando — uma carteira entre os dignos pares, onde, pelos oculos, pela calva luzidia e pelos ditos conspicuos, foram descobril-o limpando o suor do rosto — penhor immortal da sua dedicação patriotica.

O humor teria assim tido a sua mór expressão na calva do poder legislativo...

Os bons tempos de mestre Rafael Bordalo!

*

Nos nossos dias, porém, com a vida tentacular e vertiginosa, os poderes já nem rir fazem e é para a hora que passa que as attenções se volvem.

A hora que passa é a amante fugitiva de quantos querem penetrar os segredos occultos no coração da vida.

As cidades teem absorvencias de filtros invenciveis, as ruas possuem captivancias singulares, dyonisiacos tramas de enlouquecer. Vive-se com uma intensidade archi-doida.

O amor tem fórmulas novas. O mysterio vestiu-se de mulher e anda a flagellar os nervos destrambelhados.

Pan disfarçou-se em grande costureiro e talha para as mulheres, vestidos, cada vez mais feitos de desejo. A mulher é como a vida d'agora, complicada, dogmatica, incomprehensivel.

Diz Maurice Donnay: «tudo o que respeita á pelle, aos cabellos, ás sobrancelhas, ás unhas, ás fórmas, ao corpo da mulher vem tomando um caracter esoterico, sagrado, quasi universitario».

A estetica inclue entre os seus mais difficeis problemas, o da belleza feminil.

Os Redfern e os Paquin assumem a regencia dessa grande opera de extranho cujo perfeito libreto é o corpo da mulher; a mesma que, segundo Donnay «dança o tango, o maxixe, o *two step*, a furlana, o lu-lu fado não importa com quem, sob os olhos do marido complacente; tem doze *flirts* e comtudo ama seu marido e é amada por elle; no fim de contas uma honesta mulhersinha que, como muitas outras, é a victima duma ociosidade que lhe não deixa um minuto de repouso».

De costureiro, Pan facilmente muda em bailarino. Elle foi o creador desses passos lentos e voluptuosos, aereos e capitosos das novas danças exgotantes que ás attitudes mulheris trouxeram movimentos, rythmos, colleios, exasperos, levesas d'aza, fragilidades de caule, maciesas de onda e ao mesmo tempo a fizeram refinadamente amorosa e sensual, intellectual e caprichosa. Houve quem o visse soprando á flauta as suas magicas cantigas, por detraz de reposteiros discretos, emquanto os pares se perdiam na embriaguez dos movimentos.

Ora uma tarde Pan, saudoso das verduras, despiu a sua casaca irrepreensivel num dos *ateliers* da praça Vendôme, que são ainda uma especie de *bureau* internacional do gosto, e retirou-se para o *Bois*, onde um momento, recolhido, pretendeu evocar a nudez fugitiva das legendas pagãs...

Mas ai! as ninfas do nosso tempo são bem mais femininas na fuga, porque as saias lhes não deixam os mo-

vimentos livres! E a obsessão da Eva moderna tomou o flautista nostalgico que voltou ao *boulevard*, mais refinado na perversidade e na malicia.

Então a sua tesoura reformou e renovou os talhes e logo vereis o prodigio de fórmas reveladas; as suas mãos insidiosas substituiram os estofos e ensinaram a araqnidisar sobre os corpos tessituras quasi imponderaveis que accusavam tudo.

Ao fim, o egoismo de Pan e o capricho de Eva tinham plena a obra — um ser de miragem a cada gesto desprendendo da sua nomadaria alliciante, pulcritudes ignoradas, nunca sentidos desejos, impossiveis sonhos.

E, disfarçado e satisfeito, Pan olhou as que passavam.

Conta uma linda mulher nas suas memorias que viu, uma vez, a uma porta da *Rue de la Paix*, uma cabeça de fauno sorrindo um sorriso inegualavel que depois lhe pareceu vêr em todas as boccas de homem, e que nessa noite, no circo, a fez olhar um *clown* mais demoradamente...

Foi este sorriso que Lepape, Gosé, Brünelleschi, Martin, Paul Iribe, Kircner e Roubille pretenderam sorrir e os fez, como a tantos outros, encantadores da divina frivolidade ambulante, nos *magazines* ensinando á mulher, a nova sciencia do agrado aos homens, cada vez mais absorvidos no *struggle* anniquilador.

A mulher que esses artistas pintam, dentro do principio *é preciso saber formar para deformar*, reveste todas as finuras, ganha todas as esveltezas, é um ser insexuado, androgino, malefico de sugestões serpentinas, bruxo de felinos espreguiçamentos.

Maceram-se velludos, inventam-se *nuances*, combinam-se reflexos e são já velhas as colorações infinitas das algas, os tons das folhas começam a ganhar o defeito do demais conhecido e não ha joia ou flôr que a satisfaça para coloração do seu vestido.

Elles ahi vão procurar, pois, nessa fantastica flora oriental, a côr nunca sonhada para vestir os corpos de sonho opiado que fizeram. E o Oriente tem ainda nunca lidos poemas, côres nunca vistas, estofos preciosissimos, amavios de corpos melodiosos, segredos de danças enfeitiçantes.

Tudo arrastam e transformam e assimilam esses caricaturistas de mulheres, suppliciadores que, exagerando a linha mãi da figura e dando-nos, em vez de corpos, vasos de tessitura esfumada, em que os braços semelham remiges, afizeram a vista ao galbo de certas aves marinhas de enleante e colleante andar e ao recorte de certas plantas de estufa, em que as mãos do jardineiro, mãos de artista, se sonham.

São elles, é Paul Iribe e é Lepape que, em guisa de flauta tentadora agitam o lapis e ensinam ás mulheres do nosso tempo, a musicalidade dos meneios, a graça do porte e a harmonia dos coloridos.

Atravez de centenas de revistas d'arte e de bom gosto, atravez os costureiros que elles suggestionam e os mestres de dança que elles ensinam, a mulher acata as suas leis, torna-se escrava dellas, vive dos seus ensinamentos.

E insatisfeitos, atraz dum colorido pensam sómente em crear outro, depois duma linha apenas anceiam outra mais nobre e sobretudo, mais feminina e seductora.

Fazem do *charme* um dogma, que as mulheres cega-

mente creem, e conscios, elles do seu prestigio e ellas do seu triumfo, egualmente votam as suas homenagens a sua altesa real a moda.

O humor do nosso tempo é um artista requintado que ama as mulheres e os jardins, os galgos e as côres mortas...

Paul Adam sustenta que o galgo é depois da mulher quem melhores lições de estetica nos dá.

A estetica moderna tem pelo galgo preferencias admiraveis que vão como nesse Roubille ao ponto de não pintar mulheres sem a onda enroscada dum galgo russo aos pés ou a elegancia elastica e nervosa do animal fazendo-lhes companhia.

—Senhor Pierrot apaixonado por todas as Colombinas, pelos seus caprichos, pelas suas malicias, pelas covinhas das suas faces e pelos seus amuos, o humor do nosso tempo empunha a taça do champanhe bohemio e espiritual, lavra ironias como medalhas, sorri consoladamente e pretende resolver a questão social numa comedia finissima, em que a miseria é representada pela cigarra que morre com o sol na garganta e a formiga diligente faz o papel de riquesa.

E parece-me que não ha principio sociologico egual ao da comedia e que bem podia ser a legenda do humor contemporaneo:

«O corpo duma mulher vale mais que todo o corpo legislativo».

Como por terras extranhas, tambem entre nós, o delicioso mal surge e se espalha e, entre os nossos artistas, as revelações vão surgindo de dia paradia.

A quem folheie as revistas d'arte de ha cinco annos para cá, logo resalta como primeira differença entre ellas e as que antes se fizeram, a intenção artistica que ás do nosso tempo presidiu, recheiando as suas paginas de vinhetas, frisos e illuminuras que como nessa modelar revista a *Rajada* dos meus primeiros tempos de Coimbra, certo serviu a assentar a reputação do seu inspirador Correia Dias, agora espalhando com successo no Brasil os seus trabalhos de decorador humorista.

E esse facto avulta tanto mais quando é certo que, até publicações menos illustres, exemplo *A Satyra*— orgão varonil da pilheria e do sarcasmo, que em Lisboa correu por alguns numeros buscando juntar em nucleo consciente os humoristas que, alfim de reunidos, se viram sem orgão e sem séde para o nucleo; e a *Farça* que, com excepção duma ou outra cronica séria refrangendo sensibilidade nobre e dum que outro desenho vincando personalidade, mais não foi por seu feitio contundente do que uma audaciosa irreverencia de *frondeurs*, mesmo essas tão profusamente documentam uma renovação da arte do lapis que ia affirmar-se terem as gerações novas produzido o que, de Bordallo para cá, não existia, e vinha a ser uma cohorte cavalheiresca de ironistas para espetarem em suas lanças de carvão, o ridiculo por ahi florescente.

Mas é a noção decorativa, o estylo direi melhor dessa legião de artistas que grandemente me orgulha de dizer que emfim haja entre nós quem saiba sorrir intelligente e maliciosamente.

Com effeito, tão variada e nobre se exhibe a roupagem, palpitante ainda da ideia desses artistas novos,

que dir-se-hia ter a mocidade, com veia para o humor, frequentado toda, uma escola em que sómente a bellesa se amasse e toda a regra a seguir fosse afinal a da propria força creadora que havia de faze-la sahir victoriosa, ao cabo, pela porta da publicidade.

Claro que não só nessas revistas se guarda a preciosidade das audacias e dos commentarios juvenis.

Aqui estão, por exemplo, esses ligeiros, vivos, alacres annotadores do lapis que são Carvalhaes e Coulomb, forçados do jornal todos os dias em mira de dar aos leitores novo acepipe e gosando já, como direi, uma certa aragem de voga artistica entre o grande publico que, se se esquece de repetir-lhes o nome, ao menos se consola de fixar-lhes as legendas.

Pois Carvalhaes, só na *Satyra* poude deixar coisa de vulto, não pela qualidade, mas pelo *quantum*, então como agora provando que elle malbarata, em *pochades* e manchas, um talento que transformado em trabalho mechanico, poderia orçar por muitos kilogrametros.

Coulomb, em nenhuma das revistas apparece mas compensa-nos agora surgindo alguma vez em illustrador de livros que elle trata com desvelos de obra sua, o que muito deve sensibilisar os escriptores, habituados a não acharem quem, com gosto, lhes sublinhe, para o publico, menos tomado de instincto voante, as passagens mais suggestivas duma obra.

Tambem, nem tudo que essas revistas publicam merece referencia de maior.

A minha sympathia só sabe destacar para aqui, dentre os que na revista se anicharam, os que lá se introduziram com aprumo, senhores da propria con-

sciencia, que a passo calmo transpuzeram os humbraes do templo.

E desses ha que especialisar primeiramente Luiz Philippe, o mais velho da corja dos trocistas que, na *Farça*, incenderam seus fogachos de espirito e que, com Cerveira Pinto, Cristiano Cruz e Correia Dias, fez o ultimo reducto da *ironia rutila dos cavacos*, por Coimbra esfusiando em trocadilhos e ditos lampejantes, um pouco laminas de punhal e brilhos de joia falsa.

Pois Luiz Philippe, que ora anda desterrado da capital, o meio unico que havia de convir á sua elegantissima *verve* de caricaturista, apprehende em sua garra implacavel as figuras e as almas, amolga-as, deprime-as, para fazer resultar o juiso final em que alma e corpo se procuram, um como que toque de trombeta de apuro de contas, a conclusão de quem a vida espionasse, só pelo prazer de ver-lhe em cada onda, toda a babugem de grande mar revolto.

E no entanto, ávido de psychologias assim como eu o pinto, o artista tem ao tocar as esgarçadas silhuetas de mulheres que são a mais venturosa creação da nossa esthesia, uma tal delicadesa e dá-lhes uma tal desenvoltura de graça maliciosa que podia concluir-se terem-no as mulheres d'agora seduzido como as sereias de outrora os mareantes.

Ainda lembro uma pagina em que o seu traço ousou violar um corpo de pequena inglesa, fragil como um rythmo de espuma em que o sol se escondesse...

Cerveira Pinto morreu, que a morte dizem ser uma ironista sem par e tentou-se a escolhel-o entre os que na

vida puderam rir-se della. Andam por ahi perdidas, paginas suas de magnifico lavor ironico que a sua mocidade saboreou gostosamente.

Christiano Cruz: Chega-lhe a vez agora de aparecer, esguio e curvado, com os olhos claros a tocar de condões a vida que o cerca. Tem um parentesco exquisito este grande artista que, por haver a mais do que os outros um apurado instincto observante, parece distinguir-se como um sombrio e é no fim de contas o mais lucido e sóbrio commentador da vida que ahi anda, limpido na legenda como no caracter que em tudo se reflecte, seguro e perfeito nas figuras, que são todas bem suas conhecidas e de que lhe não escapa qualquer sombra exterior ou recesso intimo da alma.

Alguem lhe encontrou já, na genealogia artistica, um ramo vindo, não se sabe por que torturante acaso, das nordicas glebas. Talvez.

Mas o que dos outros o distingue não é a preoccupação intellectual que o publico mal affeito accusa na sua obra. É, sobretudo, a maneira intelligente de vêr sempre que á sua obra vasta e pessoal por ahi dispersa dá harmonia, unidade e grandeza.

Mesmo os seus motivos preferidos, parece que a mais ninguem seduzem.

Algum haverá que se a politica ou a frivolidade lhe requer serviços, de belgrado os produz. Elle não. Só a vida o tenta, mas a vida no seu fundo grotesco e doloroso. Claro que não é um caricaturista correligionario que tenha de passar com qualquer partido. Nem tão pouco haverá que criminar-se pela culpa de alguma vez

ter posto aos seus desenhos legenda que sirva de cocega a quem lê.

A plena integridade da legenda e das figuras nelle documenta a serenidade de visão, a individualidade de maneira e o pleno equilibrio de feitura.

Porque Christiano encontra sempre almas a desvendar na sua crueza, sem rebuço. O mysterio estende para elle as suas mãos sortilegas e assim, ao debruçar-se sobre a vida, alguma coisa que a maioria não descobre o deve attrahir, pois quando se ergue, sempre em seus olhos radía um fogo de supervidencia dominante, que é depois nas suas paginas a seducção perenne dos que sentem...

Para os de quem quero ainda fallar, estylisadores e ornemanistas que a silhueta da mulher para todo sempre encantou, só os corpos e as linhas são fonte de attracções e muito incidentalmente haverá que accusar-se-lhes zelos pela vida psychica dos outros, sabido que, se pelos outros se interessam, é só quando elles possam beneficiar-lhes o egotismo e sempre buscam o refugio da imaginação para sentir a maré cheia das proprias emoções...

Correia Dias que da sua exposição ultima fez uma galeria de figuras galantissimas tratadas com infantis desvelos de quem tudo ousasse vêr da côr de rosa—a côr segundo creio da sympathia e da bondade—teve em Coimbra por unicos modelos, dois ou tres corpos esbeltos de mulher que pelas ruas do Botanico passeiaram a sua graça soberana e seductriz.

E afóra ellas, o *Studio* e os *magazines* extrangeiros que muita vez o surprehendi a folhear, creio que toda a sua arte resultou do seu temperamento bondoso e

sensual como as perolas saem do coração das ostras ou das penhas emana o crystal da agua viva.

A graça e a malicia são peculiares na sua obra em que o exagero consegue ter um sentido piedoso.

E é porisso que ao mesmo tempo se amam os seus *bibelots*, em que a ternura tem sorrisos formosos e as caricaturas pessoaes, em que o artista prefere a cobrir de picaro os modelos, dar ao lapis um ar de conselheiro moral, dirieis, um lapis commovido que sublinha sómente para ver se corrige o que é aleijado.

Tanto assim, que fora do *décor* em que lhe apraz mais larga representação a *allure* feminina, Correia Dias deixa vagar os olhos na paysagem e della colhe a mais larga dose de bellesa.

Conheci-o, perdido de amores por certo choupo curvado do Mondego que visto de longe, no poente, era um corpo de mulher envolvente de curvas, dir-se-hiam saudosissimas do mar...

Afinal a paysagem é por ser feminina que seduz os artistas e ha curvas de mulheres do nosso tempo que são longes de volupia a morrerem na distancia.

Negreiros e Ernesto do Canto são, um pelo lapis, no barro o outro, dois apaixonados cultistas da mulher.

Mas o Almada Negreiros magro e de olhos grandes que ahi vae, rindo um velho riso de *bric-à-brac*, quasi desconjuntante, é uma especie de Jehovah-costureiro creando corpos que a nossa admiração raro tem a gloria de despir e vestindo-lhes umas toilettes-illusões de tecidos fumosos que nem nuvens nem ondas, em sua grande inconstancia, puderam dar ainda.

Encantador de corpos lhe chamaram e não sei se outro nome bem lhe caberia, porque o seu lapis no papel é uma caricia de curvas, apprendida na melodia embaladora das serpentes, se é que não foi na sua propria sensibilidade venenosa.

E que coloridos irreaes, phantasticos de crepusculo e de bruma como annunciando a noite das divinas nupcias monstruosas em que as mulheres vão esvair-se de desejos nos braços d'algum deus!

Recordo uma tarde de avenida em que juntos seguimos uma mulher, com seu vestido côr de alga, que uma porta tragou inexpressivamente.

Vi-a dias depois na pasta do Negreiros, dançando entre punhaes e reconheço que me perturbou bem mais que na avenida...

Ernesto do Canto, o Catulle miniaturista que em barro pyrilampisou a alma espumejante e peccadora de Paris, tem o segredo de amaciar o barro em caprichos de espuma e nella talhar fugidios e pesando apenas pelo vicio que os anima, os corpos aereos, esgalgados, ia dizer ronronantes, de algumas figuras excentricas do *boulevard*, cuja alma, nem na alma loira do champanhe poude encontrar ainda finura que a eguale.

A singular theoria de estatuelas, entre viciosas e doentes que este artista vae a completar, é duma ternura sem fim de desterrado que, uma vez perdido com certo movimento das mãos descendo no barro, ficou depois, a vida toda, a procurar reconstitui-lo e viu, espantadamente viu, que a cada tentativa, obra nova surgia, outra mulher saltava, erguia as mãos, recurvava o collo

e encolhia os pés para um sereno deslisar de cysne, não se sabe em que voluptuoso ar; um novo corpo accordava preguiçando desejos; uma aza quebrada de tedio arrastava abandonos dentro de certos corpos macios, evocando ondas e sobre que nem azas brancas faltavam a voar porque as faziam nascer em seu redor; e emfim as proprias ondas se faziam mulheres, corpos que iriam desfazer-se, mal se abraçassem, como as vagas nos rochedos musgosos.

Emfim, Ernesto do Canto tem vivido no extrangeiro uma preciosa errancia de nervos que o sagra, por suas estatuinhas perversas, um dos mais notaveis modeladores do barro, em que consegue vasar toda a alvorecente insinuancia da mulher.

Jorge Barradas, que eu supponho vendo ainda a vida com a virtude moça da bondade, tão pouco os seus desenhos e caricaturas ferem a aresta viva do grottesco, tambem sentiu a magia enleante da mulher e a maioria das suas manchas são corpos femininos, em que a malicia moça do artista arriscou talhes accusadores.

Sendo um dos menos provados na sua arte, ainda assim, pelo pouco que tem publicado, pode fazer-se-lhe sem receio o diagnostico dessa doença esthetica quasi sexual que vem refinando a producção dos nossos humoristas.

Elle sabe como poucos tocar a alma seductora da rua que nos corpos das mulheres palpita e esplende e em rapidos *croquis* enfeitiçar de flexuosidades de junco verde e maciesas de musgo novo, as linhas dos seus modelos.

É ve-las elançarem-se ás silhuetas frageis e crepusculares da Rua do Oiro em que a graciosidade suppre bem a falta de bellesa e depois voltar os olhos maravilhados para o que da sombra passageira no papel ficou agrilhoado, pela delicadesa hiper-sensivel de Barradas.

Como quer que mais largo trabalho lhe demandem, vae saber-se como esse rapasinho loiro, de olhos azues, anda na vida somnambulicamente a fixar as linhas de sonho das flexuosas esculpturas.

O que succede tambem com Antonio Soares, pintor de atitudes dolorosas e geitos voluptuosissimos, que eu mal conhecia de dois ou tres desenhos, não sei onde, e que, um dia, a amisade de Cristiano Cruz approximou de mim e logo ao outro, altas horas, num quarto — que tinha tanto de pobre como maravilhoso — me deslumbrou passando-me ante os olhos, cartazes, manchas, estudos, *croquis*, simples apuntos de carteira, uma variedade sem fim de provas mais que ousadas contra o somno hibernal da nossa arte.

E que sentido da côr resalta e grita em seus cartazes por ahi ferindo lume e obrigando a publicidade a renovar os moldes senis em que se verte!

Que doçura de geitos nesses corpos, que doairo gentil nas attitudes!

Apparece agora, Balha e Mello, portuguesissimo de processos e de themas, vincando em sua fórma caricatural as nossas figuras typicas, com preferencias singulares pelos humildes, aqui e além denunciando, pela

composição e pelo entrecho dos quadrinhos segura observação de psychologo.

Mas não lhe escapam tambem os olhos á tentação do eterno feminino e dos lindos motivos que aos mais absorvem por inteiro e nelle documentam uma educação artistica moderna.

Preciso tambem de dizer-lhes, que a arte de Antonio d'Azevedo, um dia partindo esculptor para Paris e de lá voltando breve pintor e modernista, trasborda de paixão por algumas figuras de mulher, que o seu lapis toca febrilmente, e é como poucas complicada de bellesas picturaes, nobre e ousada de predilecções.

No seu estylo pessoal não se distinguem influencias, para se constatar sómente uma sensibilidade educadissima de artista do nosso tempo, enlevado por tudo quanto na vida é bellesa delicada e gracil.

Illuminurista, pintor de cartaz ou decorador, Antonio de Azevedo define-se sempre um orgulhoso cultor das coisas bellas, dentro da brandura do seu traço e do prodigio da sua côr magnificando gracilidades, finuras perversas, dolorosos sonhos...

Mais nomes de gente nova poderiam talvez referir-se sem erro, mas porque de Amarelhe, Mario Pacheco, Coquet e Salgado me faltem documentos sobre que traçar impressões, vou terminar.

Mas não, sem que antes diga, que toda esta «gente risonha» o é por temperamento e se trabalha, o faz sómente, por uma espécie de sadismo pernicioso, pois ainda não ha quem aos novos artistas requeira trabalho

bem pago, num paiz que chegou a andar na cadeira de rodas do snr. José Luciano e deu ao humor desse tempo, que fazia cocegas ao grande homem, fóros de humor official.

E assim succede que, como para a maioria a primeira condição para ter humor é ter botas, entre nós os mais solidos humoristas são, não só os que usam botas de elastico, mas os que as calçam aos seus modelos.

Assim o humor difficilmente será — uma fogueira de desdem — como quer o meu amigo, incorrigivel rhetorico.

E digo difficilmente porque, aos humoristas de que fallei, póde muito bem faltar o dinheiro para uma caixa de phosphoros com que a accendam.